

William S. Burroughs e Jack Kerouac

E os Hipopótamos Cozeram nos Seus Tanques

Tradução de Telma Costa



QUETZAL serpente emplumada | W.S. Burroughs

1

WILL DENNISON

OS BARES FECHAM ÀS TRÊS DA MANHÃ NAS NOITES DE SÁBADO e por isso cheguei a casa por volta das 3.45 depois de tomar o pequeno-almoço no Riker's, na esquina da Christopher com a Sétima Avenida. Atirei o *News* e o *Mirror* para cima do sofá, despi o meu casaco de crepom às riscas e larguei-o em cima deles. Ia direito para a cama.

Nesse momento, a campainha tocou. É uma campainha estridente que fura os ouvidos e por isso corri rapidamente a carregar no botão que abre a porta da rua. Depois tirei o casaco do sofá, pendurei-o numa cadeira para que ninguém pudesse sentar-se em cima dele e meti os jornais numa gaveta. Queria ter a certeza de os ter ali quando acordasse de manhã. A seguir atravessei a sala e abri a porta. Calculei o tempo precisamente para que não tivessem oportunidade de bater.

Entraram quatro pessoas. Agora vou dizer-vos por alto quem eram essas pessoas e que aspeto tinham, uma vez que esta história é quase toda acerca de duas delas.

Phillip Tourian tem 17 anos, meio turco, meio americano. Tem uma série de nomes à escolha, mas prefere Tourian. O pai dá pelo nome de Rogers. Cai-lhe sobre a testa cabelo preto encaracolado, a pele é muito pálida e tem olhos verdes. Sentou-se na poltrona mais confortável, com uma perna por cima do braço, ainda antes de os outros terem entrado todos na sala.

Este Phillip é o tipo de rapaz a quem os maricas literatos escrevem sonetos que começam: «Oh, mancebo heleno dos corvinos cabelos...» Trazia umas calças muito sujas e uma camisa de cáqui com as mangas enroladas, a mostrar antebraços rijos e musculosos.

Ramsay Allen é um homem grisalho de aspeto imponente, quarenta e tais, alto e um pouco flácido. Parece um ator-na-prateleira, ou um tipo que já foi alguém. Além disso, é do Sul e gaba-se de ser de boas famílias, como todos os sulistas. É um tipo muito inteligente mas, vendo-o agora, não se dá por isso. Está tão apanhado pelo Phillip que paira sobre ele como um abutre tímido, com um sorriso tolo e mal-amanhado na cara.

Al é um dos tipos mais porreiros que conheço e não é possível encontrar melhor companhia. E o Phillip também não está mal. Mas quando se juntam, qualquer coisa acontece e formam uma combinação que mexe com os nervos de toda a gente.

Agnes O'Rourke tem uma feia cara irlandesa, cabelo preto à escovinha, e anda sempre de calças. É franca, máscula e de confiança. Mike Ryko é um finlandês ruivo de dezanove anos, uma espécie de marinheiro da mercante vestido de cáqui sujo.

Bom, aí os têm, aos quatro, e a Agnes trazia uma garrafa na mão.

— Ah, *Canadian Club* — disse eu. — Entrem e sentem-se — o que nessa altura já todos tinham feito, e eu fui buscar uns copos dos altos e todos se serviram de uma dose. A Agnes pediu-me água e eu trouxe-lha.

O Phillip tinha uma ideia filosófica qualquer que, com toda a evidência, tinha estado a desenvolver ao longo do dia e agora eu ia ouvi-la. Disse ele: — Imaginei toda uma filosofia em redor da ideia do desperdício como mal e da criação como bem. Desde que se esteja a criar alguma coisa, é bom. O único pecado é desperdiçares as tuas potencialidades.

Isto pareceu-me bastante tolo e portanto disse:

— Bem, eu não passo de um barista meio entornado, mas então, e os anúncios dos sabonetes *Lifebuoy*? São criações, pois claro.

E ele disse:

— Pois, mas estás a ver, é o que se chama criação de desperdício. É tudo dicotomizado. Portanto, há desperdício criativo, como isto de estar aqui a conversar contigo.

Então eu disse:

— Pois, mas que critérios tens para distinguir desperdício de criação? Qualquer um pode dizer que o que está a fazer é criação enquanto o que todos os outros fazem é desperdício. A coisa é tão genérica que não quer dizer nada.

Bom, isto pareceu acertar-lhe mesmo entre os olhos. Imagino que não costumasse encontrar grande oposição. Pelo menos, largou a filosofia e eu fiquei contente por a ver a andar, porque são ideias que, pela parte que me toca, pertencem ao género «não quero saber».

A seguir o Phillip perguntou-me se tinha marijuana e eu respondi nem por isso, mas ele insistiu, queria fumar, por isso tirei-a da gaveta da secretária, enrolei e pus a rodar. Era material muito fraco e só aquela moca não fez efeito em nenhum de nós.

O Ryko, que tinha estado sentado no sofá todo este tempo sem falar, disse:

— Fumei seis charros em Port Arthur, Texas, e não me lembro nada de nada de Port Arthur, Texas.

Eu disse: — Agora é muito chato arranjar marijuana e não sei onde vou arranjar mais depois de esta acabar — mas o Phillip agarrou noutro charro e começou a fumá-lo. Então enchi o meu copo com *Canadian Club*.

De repente estranhei, esta malta nunca tem dinheiro, de onde teria vindo este *Canadian Club*, e por isso perguntei-lhes.

O Al disse: — A Agnes fanou-o num bar.

Ao que parece, o Al e a Agnes estavam na ponta do balcão no Pied Piper a beber cerveja quando de repente a Agnes disse para o Al: — Pega no troco e vem atrás de mim. Tenho uma garrafa de *Canadian Club* debaixo do casaco — e o Al saiu atrás, mais assustado do que ela. Nem sequer a tinha visto sacar a coisa.

Isto acontecera ao princípio da noite e metade da garrafa já tinha marchado. Dei os parabéns à Agnes e ela fez um sorriso complacente.

— Foi fácil — disse ela. — Hei de voltar a fazer o mesmo.

Se estiveres comigo nem pensar, disse com os meus botões.

Aí houve uma acalmia na conversa e eu tinha demasiado sono para dizer fosse o que fosse. Ainda houve mais conversa que eu não apanhei mas entretanto levantei os olhos mesmo a tempo de ver o Phillip dar uma grande dentada no vidro do copo e começar a mastigá-lo, o barulho que fez ouvia-se do outro lado da sala. A Agnes e o Ryko faziam caretas, como se alguém estivesse a arranhar uma lousa com as unhas.

O Phillip mastigou o vidro na maior e engoliu-o com a água da Agnes. Então o Al também comeu um pedaço e eu fui-lhe buscar um copo de água para ajudar a engolir. A Agnes perguntou se eu achava que eles iam morrer e eu disse que não, que não havia perigo desde que se mastigasse como deve ser, era como comer areia. Isso que se dizia, de haver gente a morrer com vidro moído, era treta.

Foi nesse momento que tive uma ideia para uma piada e disse:

— Estou a faltar aos meus deveres de anfitrião. Alguém tem fome? Tenho uma coisa muito especial que arranjei hoje.

Nesta altura o Phillip e o Al estavam a tirar bocadinhos de vidro de entre os dentes. O Al tinha ido ao quarto de banho olhar para as gengivas no espelho: estavam a sangrar.

— Eu tenho — disse o Al, do quarto de banho.

O Phillip disse que o vidro lhe tinha aberto o apetite.

O Al perguntou-me se era outra encomenda de comida da minha velhota e eu disse: — Pois é, é uma coisa muito boa.

Então fui à despensa, procurei durante um bocado e saí de lá com um monte de lâminas de barbear velhas numa travessa e um frasco de mostarda.

O Phillip disse: — Filho da mãe, o que eu tenho é fome — o que me agradou supinamente e por isso disse: — Boa piada, hã?

O Ryko disse: — Eu vi um tipo comer lâminas da barba em Chicago. Lâminas, vidro e lâmpadas. No fim comeu um prato de louça.

Por esta altura já estava toda a gente bêbada exceto a Agnes e eu. O Al estava sentado aos pés do Phillip, a olhar para ele com uma expressão apalermada. Comecei a desejar que fossem todos para casa.

Então o Phillip levantou-se a cambalear um bocadinho e disse: — Vamos lá para cima, para o terraço.

E o Al disse: — Está bem — dando um salto como se nunca tivesse ouvido uma sugestão tão fantástica.

Eu disse: — Não, não vão. Vão acordar a senhoria. E de qualquer forma, não há lá nada.

O Al disse: — Vai para o diabo, Dennison — chateado por eu estar a tentar sabotar uma ideia vinda do Phillip.

E então saíram porta fora aos bordos e começaram a subir as escadas. A senhoria e a família ocupam o andar por cima do meu e acima deles é o terraço.

Sentei-me e servi-me de mais *Canadian Club*. A Agnes já não queria mais e disse que ia para casa. O Ryko estava a dormir no sofá, por isso despejei o resto da garrafa para o meu copo. A Agnes levantou-se para sair.

Apercebi-me de uma certa rebaldaria no terraço e depois ouvi vidros a partir-se na rua. Fomos à janela e a Agnes disse: — Devem ter atirado um copo para a rua.

Isto pareceu-me lógico e por isso pus a cabeça de fora com cuidado e havia uma mulher a olhar para cima e a praguejar. Na rua já clareava.

— Seus patifes, malucos — dizia ela —, querem o quê? Matar alguém?

Ora eu sou grande adepto do contra-ataque, por isso disse:

— Caluda. Está a acordar toda a gente. Ponha-se a andar ou chamo a polícia — e apaguei as luzes como se tivesse saído da cama e tivesse voltado a deitar-me.

Passados uns minutos ela afastou-se, ainda a praguejar, eu também praguejava, só que em silêncio, enquanto me lembrava

de todos os problemas que aqueles dois me tinham causado no passado. Lembrei-me de que tinham estampado o meu carro em Newark e haviam feito com que me expulsassem de um hotel em Washington, quando o Phillip mijou pela janela. E havia muito mais do mesmo. Tipo farra de caloiro, estilo 1910. Isto acontecia sempre que estavam juntos. Separadamente, eram porreiros.

Acendi as luzes e a Agnes foi-se embora. Tudo estava sossegado no terraço.

— Espero que não se lembrem de saltar — disse eu para comigo, porque o Ryko estava a dormir. — Bom, bem podem chonar lá em cima toda a noite se lhes apetecer. Eu vou para a cama.

Despi-me e meti-me na cama, deixando o Ryko a dormir no sofá. Eram mais ou menos seis da matina.

2

MIKE RYKO

SAÍ DE CASA DO DENNISON ÀS SEIS DA MANHÃ e fui para a minha, em Washington Square. Na rua estava fresco e húmido, com o sol algures atrás dos cais de East River. Caminhei para leste pela Rua Bleecker depois de ter passado pelo Riker's à procura do Phillip e do Al.

Quando cheguei a Washington Square estava demasiado sonolento para caminhar direito. Subi ao apartamento da Janie, no terceiro andar, atirei a minha roupa para cima de uma cadeira, empurrei-a para o lado e meti-me na cama. O gato corria a cama para baixo e para cima, a brincar com os lençóis.

Quando acordei naquela tarde de domingo estava bastante calor e a Filarmónica tocava uma sinfonia no rádio da sala. Sentei-me na cama, inclinei-me e vi a Janie sentada no sofá, só com uma toalha no corpo e o cabelo todo molhado do banho.

O Phillip estava sentado no chão, só com uma toalha no corpo e um cigarro na boca a ouvir a música, que era a *Primeira* de Brahms.

— Ei — disse eu —, atira-me um cigarro.

A Janie aproximou-se e disse: — Bom-dia — num tom próprio de menina sarcástica e deu-me um cigarro.

Eu disse: — Poça, está calor.

E a Janie disse: — Levanta-te e toma um duche, estafermo.

— Qual é o problema?

— Não te faças de parvo. Fumaste marijuana ontem à noite.

— Nem sequer prestava — disse eu, e fui para o quarto de banho. O sol de junho inundava tudo e quando abri o jato de água fria foi como se mergulhasse num lago com sombra, numa tarde de verão da Pensilvânia.

Depois do banho sentei-me na sala enrolado na toalha, com um copo de laranja fresca, e perguntei ao Phillip onde tinha ido na véspera com o Ramsay Allen. Disse-me que depois de saírem de casa do Dennison tinham ido para o Empire State Building.

— Porquê para o Empire State Building? — perguntei.

— Estávamos a pensar saltar lá de cima. Não me lembro muito bem.

— Com que então, saltar, hã? — disse eu.

Conversámos durante um bocado acerca da Nova Visão que o Phillip estava a tentar desenvolver e quando acabei a minha laranja levantei-me e fui ao quarto vestir as calças. Disse-lhes que tinha fome.

A Janie e o Phillip começaram a vestir-se e eu fui para a pequena alcova a que chamamos biblioteca e folheei uns papéis na secretária. Com alguma lentidão, ia-me preparando para zarpar de novo. Pousei algumas coisas sobre o tampo e depois regresssei à sala, já eles estavam prontos. Descemos as escadas e saímos para a rua.

— Quando embarcas de novo, Mike? — perguntou o Phillip.

— Ora — disse eu —, mais semana, menos semana, acho eu.

— O tanas é que vais — disse a Janie.

— Bom — disse o Philip enquanto atravessávamos a praça —, tenho andado a pensar embarcar também. Sabes que tenho os papéis de marinheiro, mas nunca embarquei. Que teria de fazer para arranjar um barco?

Dei-lhe todas as indicações resumidamente.

O Phillip pôs um ar satisfeito.

— Vou tratar disso — disse ele. — E há alguma hipótese de embarcarmos no mesmo navio?

— Porque não? — disse eu. — Decidiste de repente tudo isso? E o que dirá o teu tio?

— Ele vai achar porreiro. Feliz por me ver ter um gesto patriótico e coisa e tal e feliz por se ver livre de mim por algum tempo.

Exprimi a minha satisfação pelo plano. Disse ao Phil que é sempre melhor embarcar com um parceiro no caso de haver problemas a bordo com o resto da tripulação. Disse-lhe que por vezes o lobo solitário corre o risco de tirar a palhinha mais curta, especialmente se for um sujeito de poucas falas. Esse tipo de marinheiro, disse-lhe, levanta suspeitas nos outros sem se dar conta.

Fomos ao Frying Pan, na Rua Oito. A Janie ainda tinha algum dinheiro que tinha sobrado do último pagamento da mesada. Ela era de Denver, Colorado, mas já não ia a casa há mais de um ano. O pai, um viúvo velho e rico, vivia num hotel espalhafatoso e de vez em quando ela recebia umas cartas dele a descrever a boa vida que levava.

A Janie e eu pedimos só ovos estrelados com *bacon*, mas o Phillip pediu dois ovos cozidos em três minutos e meio. Estava ao balcão uma nova empregada que o olhou com azedume. O aspeto exótico do Phillip chateava muita gente, que o olhava com desconfiança, como se o achasse drogado ou maricas.

— Não quero que o Allen saiba que vou embarcar — dizia o Phillip. — O essencial da ideia é mesmo afastar-me dele. Se ele descobre, é muito capaz de meter areia na engrenagem.

Ri-me daquilo.

— Não conheces o Allen — disse o Phillip com ar sério. — Ele é capaz de tudo. Conheço-o há séculos.

Eu disse: — Se te queres ver livre do tipo, diz-lhe que te de-sampare a loja e não volte a aparecer.

— Isso não dava resultado. Ele não ia deixar de aparecer.

Bebemos o nosso sumo de tomate em silêncio.

— Não percebo a tua lógica, Phil — disse eu. — Parece-me que não te importas lá muito que ele ande sempre à tua volta desde que não se faça a ti. E às vezes até te pode dar jeito.

— Já não está a dar jeito nenhum — disse o Phil.

— E que acontecia se ele descobrisse que ias embarcar?

— Podia acontecer muita coisa.

— O que poderia ele fazer se só descobrisse depois de teres partido num barco e atravessado os mares?

— Estaria provavelmente à minha espera no porto de destino, de boina na cabeça, a abrir mexilhões na praia com cinco ou seis rapazinhos árabes aos pés.

Ri-me.

— Essa foi boa — disse eu.

— Não te metas em nada com aquela bichona — dizia a Janie ao Phillip.

— Essa da praia foi boa, sim senhor — disse eu.

Os nossos ovos tinham chegado entretanto, mas os do Phillip estavam completamente crus. Chamou a empregada e disse-lhe: — Estes ovos estão crus — e evidenciou o facto mergulhando a colher nos ovos e retirando-a com um longo fio de clara crua.

A empregada disse: — Você quis ovos mal cozidos, não foi? Não pode estar sempre a mudar de ideias.

O Phillip empurrou os ovos pelo balcão adiante.

— Dois ovos em quatro minutos — disse ele. — Talvez isto simplifique as coisas — e a seguir virou-se para mim e começou a falar da Nova Visão. A empregada agarrou nos ovos e abalou para a abertura por onde a comida é passada da cozinha.

— Dois na água, quatro minutos.

Quando os ovos voltaram estavam como deve ser. A empregada pousou-os à bruta diante do Phil. Ele começou a comê-los calmamente.

— Está bem — disse eu depois de acabar o meu pequeno-almoço. — Amanhã vais à Broadway, como te disse, e tratas da vida. Garanto que conseguimos um barco ainda esta semana. Vamos estar no alto-mar antes mesmo que o Allen dê conta.

— Boa — disse o Phillip. — Quero pôr-me a andar o mais depressa possível.

— Não há maneira de saber para onde irá o nosso barco — disse-lhe eu.

— Não quero saber, embora me agradasse a França.

— Também a mim — disse eu —, mas tu já estiveste em França.

— Estive lá com a minha mãe quando tinha catorze anos, com uma preceptora inglesa às canelas. Eu quero é ver o Quartier Latin.

— O Quartier Latin é em Paris — disse eu — e ainda só vamos ter uma faixa da península da Normandia. Não me parece que vamos ver Paris desta vez.

— Pode haver uma ofensiva sobre Paris a qualquer momento. Seja como for, o principal é sair da América.

Eu disse: — Estás a dar ao Ramsay Allen um bom avanço.

— Espero que sim — disse ele.

— Montes de tempo para escrever poesia, no mar — acrescentei.

— Isso também conta.

— Porque é que não podes escrever poesia e trabalhar na tua Nova Visão em Nova Iorque?

O Phillip sorriu.

— Porque o Al está por perto e é um peso morto em cima de todas as minhas ideias. Tenho algumas ideias novas. Ele pertence a uma geração ultrapassada.

— Ah — disse eu —, isso revela falta de gratidão para com o teu velho e venerando professor.

O Phillip fez um sorrisinho matreiro.

— Vocês estão os dois a dizer parvoíces — disse a Janie. — Querem ganhar algum dinheiro, não é? Quando voltarem podemos ir todos para a Florida, ou para Nova Orleães, ou outro sítio qualquer passar o inverno. Deixa lá a poesia.

Tínhamos cigarros mas não tínhamos fósforos. O Phil chamou a empregada: — Diga-me, tem lume, menina?

A empregada respondeu — Não.

— Então vá buscar — disse o Phillip no seu tom claro e calmo.

A empregada tirou uma caixa de fósforos de madeira de baixo do balcão e atirou-lha. Aterrou no meu prato de ovos vazio

e fez saltar algumas batatas fritas para o balcão. O Phillip pegou na caixa e acendeu todos os nossos cigarros. Depois atirou a caixa de volta de forma a aterrar no balcão junto a ela.

Ela sobressaltou-se e disse: — Oh! Não lhos devia ter dado.

O Phillip sorriu-lhe.

— Deve estar com o período — disse eu.

Nisto um empregado baixo e entroncado veio ter comigo e disse:

— Estás-te a fazer de engraçado, ou quê?

— Pois estou — disse eu. Parecia que ia haver porrada.

Então a Janie disse: — Aquela gaja é que começou. E se arranjasse outra empregada?

O sujeito mirou-nos com um olhar turvo e afastou-se.

— Vamos embora daqui — disse a Janie. Pagou a conta e saímos.

Regressámos a Washington Square e sentámo-nos num banco à sombra. Fartei-me do sítio e fui sentar-me na relva, a roer um talo. Estava a pensar nos livros que havia de levar para a viagem e no que íamos curtir, o Phil e eu, num qualquer porto estrangeiro. O Phil e a Janie estavam a falar da Barbara Bennington, Babs para os amigos, a namorada dele, e de qual seria a reação dela à notícia desta partida repentina.

Então um velho baixote apareceu a cambalear, bêbado e a falar sozinho. Parou em frente do nosso banco e começou a olhar-me fixamente. Não lhe ligámos nenhuma e por isso ele começou a ficar chateado. Tinha um tique alcoólico e resmungava sempre que se contorcia.

Contorceu-se, disse «Aah!» para mim, e afastou-se.

O Phil e a Janie continuaram a conversar e de repente o bebedolas voltou para me olhar fixamente.

— Quem és tu? — quis ele saber.

Eu contorci-me e disse: — Aah!

— Vai para casa — disse-lhe o Phil, e o bebedolas assustou-se e foi-se embora, a contorcer-se e a rosar aos bancos e às árvores.

Ficámos sentados ali durante um bocado e depois decidimos ir embora. O Phil disse que ia direito a casa para começar a fazer as malas. Morava numa pensão ao virar da esquina a seguir ao apartamento da Janie, onde tinha uma pequena suíte de dois quartos com quarto de banho privativo.

Ao dobrar a esquina encontrámos o James Cathcart, um estudante da NYU School of Business, e ele foi com o Phillip para o ajudar a fazer as malas. O Phillip foi-lhe dizendo que calasse o bico. Embora o Cathcart fosse um bom amigo, estava a tomar todas as precauções para que a notícia não transpirasse para o Ramsay Allen.

A Janie e eu subimos e tomámos um duche juntos. Depois sentámo-nos na sala para conversar. Ocupei a cadeira de baloiço em frente a ela, que estava no sofá, enrolada numa toalha, sentada à índia. Eu não tirava os olhos da toalha e isso começou a chatear-me, por isso levantei-me, tirei-lha e regresssei à cadeira de baloiço.

Ela perguntou: — O que vais fazer lá no mar? — E eu respondi: — Não te preocupes com o futuro.